



## **A CURA PELO CUSPE: A CIRCULAÇÃO DOS SABERES POPULARES PRODUZIDOS PELO FARMACÊUTICO/CURANDEIRO JOSÉ FÁBIO LYRA (1920-1940)**

Rosana do Nascimento Gomes Melo<sup>1</sup>

Azemar dos Santos Soares Júnior<sup>2</sup>

### **Resumo:**

Esse artigo tem por objetivo analisar as práticas populares de cura, promovidas por farmacêutico/curandeiro de nome José Fábio Lyra, na região do brejo paraibano. Sua fama corria para além do município de Bananeiras - Pb onde desenvolveu a fabricação de vacinas caseiras com um ingrediente inusitado: a saliva. Assim, buscaremos entender e problematizar o método da *lymfoterapia*, palavra que significa tratamento pela saliva, e assim eram fabricadas as famosas “vacinas de cuspe”, que era destinada a cura de pessoas enfermas e infectadas com as mais diversas enfermidades, dentre elas a tuberculose, acudindo um elevado número de pessoas que viam inclusive de outros estados para receber a dita vacina. Analisando também a figura de política de José Fábio Lyra, o mesmo ocupou um cargo político na cidade Umbuzeiro-Pb, foi prefeito municipal, que após ter se mudado de lá, foi para Bananeiras dando início ao método da *lymfoterapia*. José Fábio Lyra, era conhecido não só na Paraíba, em todo o Brasil, graças a uma publicação do jornal carioca *A Noite* no ano de 1936, no qual o farmacêutico concedeu uma entrevista exclusiva sobre o seu método e aspectos de sua vida. Dessa forma, buscamos entender a atuação dos procedimentos de cura de José Fábio Lyra avaliando sua contribuição para a medicina paraibana da época. Na realização desse artigo, utilizamos de fontes bibliográficas e os periódicos em circulação à época. Para a escrita desse artigo o conceito de biopolítica de Michel Foucault foi de fundamental importância, para problematizar como a medicina científica fomentava meios de domínio sobre a população.

**Palavras-chave:** Cura, saliva, vacina.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atualmente é aluna do mestrado em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) onde desenvolve a pesquisa intitulada “A cura por meio da voronofftherapia: a circulação dos saberes populares produzidos pelo farmacêutico/curandeiro José Fábio Lyra (1920-1940)”, sob a orientação do Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior. E-mail: [rosanagomes.historia@gmail.com](mailto:rosanagomes.historia@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (DPEC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus Natal. Também é professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É graduado em História (UEPB), mestre em História (UFPB) e doutor em Educação (UFPB). (83) 3322-3222



## Introdução

A presente pesquisa gira em torno das práticas populares de cura, de um farmacêutico/curandeiro paraibano, que com suas habilidades medicinais criou uma espécie de vacina caseira, que em sua fórmula especial estava à saliva de crianças saudáveis, usada na fabricação de vacinas destinadas a população. A prática de José Fábio Lyra ficou conhecida como a *lymfoterapia*, que foi uma técnica muito inusitada e curiosa, pois pesquisas revelaram que a vacina tinha promovido a cura de pessoas enfermas diagnosticadas na época com tuberculose, e entre outras doenças.

Além de estudar as práticas de cura desenvolvidas por José Fábio Lyra, a proposta do trabalho é também analisar a *Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba*<sup>3</sup>, como a mesma se posicionou perante as práticas de cura de José Fábio Lyra, e demais curandeiros, bem como o posicionamento dos médicos locais. Diante disso, o governo propôs e realizou uma perseguição aos curandeiros e a José Fábio Lyra, principalmente quando no início do século XX, a institucionalização da profissão médica na Paraíba é efetivada. Com isso, todo um discurso higienista é imposto sobre a população pelo governo que caía sobre os corpos de homens e mulheres, com o intuito de educar, civilizar e higienizar.

Portanto, o **objetivo** deste artigo é entender como o método da *lymfoterapia* promoveu a cura de enfermidades fazendo circular os saberes postulados por José Fábio Lyra, num momento em que a profissão médica se institucionalizava na Paraíba. Buscando entender como uma prática de cura desenvolvida por um prático, ganhou fama, num momento em que a *Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba*, combatia os charlatões. Problematizando os discursos dos médicos paraibanos em combate a prática considerada “curandeira” e “ilegal” da arte de curar desenvolvida do José Fábio Lyra, contextualizando o perfil biográfico do farmacêutico, que ganhou fama na Paraíba graças ao método de curar desenvolvido por meio das vacinas de cuspe.

Como em uma sociedade que aspirava uma medicina dita científica reagiu a propagação da *lymfoterapia*, agradando inclusive alguns esculápios? A resposta parecia

---

<sup>3</sup> A Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba foi uma associação médica criada no ano de 1924 no estado da Paraíba. A Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba surgiu em meio à necessidade de incorporação de mais profissionais capacitados e para a legitimação da atuação médica, tida como primordial no momento de intensas epidemias e males, e quando o número de profissionais da área eram poucos. Assim a SMCPB, veio como proposta de cura, pois nesse momento a necessidade de novos profissionais era a demanda da época, além também de promover uma ampliação do saber médico. Assim segundo Leonardo Querino (2015, p. 124) “a SMCPB é construída como uma Instituição científica de utilidade pública, que trará benefícios à coletividade por meio de estudos médicos sistemáticos, de uma medicina mais unificada, mais institucionalizada”.



simples: os métodos considerados naturais e praticados pelos curandeiros, além de serem bastante procurados na época, ainda possuía o realce da confiança depositada aquele saber, ao prático que sempre esteve presente, destoando do médico estranho, que não fazia parte do cotidiano das pessoas no interior da Paraíba. O papel dos curandeiros, com seus métodos “detentores de cura”, percebe-se que os curandeiros desempenharam um papel fundamental de cura e de grande atuação na Paraíba.

Michel Foucault em seu livro *Em defesa da Sociedade*, trabalha o conceito de biopolítica, que se tornou essencial para compreender como a medicina científica, promoviam a saúde e a promoção da cura através de uma estratégia de controle da população e de seus corpos. A proposta de uma medicina voltada a saúde do corpo, pode ser inserida na lógica do capitalismo em ascensão no século XIX. As doenças, portanto começavam a gerar lucros, controlar hábitos, disciplinar corpos. Normas vão sendo ao longo do tempo impostas, pois se antes, apenas o corpo estava ligado à saúde aos cuidados médicos, surgia mais adiante um meio também de levar para uma sociedade, uma forma de disciplina desse corpo, uma urgência, uma “socialização” para esses indivíduos.

Segundo o próprio Foucault, “A biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 293). A biopolítica esta inserida na população e para a população. Desde aspectos que envolvam toda uma conjuntura política cercada no social, e principalmente de controle e na intervenção dos indivíduos. A biopolítica, portanto englobava toda uma ação do governo em disciplinar a população, em exercer seu domínio, seja através da vida das pessoas, como também nos seus aspectos biológicos, físicos, na necessidade de impor regras, costumes e um modo de vida calcado na ideia de civilidade, ou seja, o controle da população era o que principal objetivo.

A partir disso, vem toda uma propaganda feita pelo governo e pelos médicos sobre a ideia de imunização e higienização. Era também um meio de levar a medicina científica e não a medicina popular para o centro das atenções, como sendo a principal e única detentora da cura, pois “(...) as práticas científicas eram afirmadas como as únicas capazes de oferecer a cura.” (HOCHMAN, 2004, p.159). O momento portanto era propício, na intensão de eliminar as práticas populares de cura, acabar com o atendimento dos curandeiros a população,

Até o final da década de 1920, apesar das novidades pasteurianas e das tentativas de condenação das ‘superstições’ pelos médicos diplomados, ainda havia uma forte procura por

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

**www.coprecis.com.br**



curandeiros, espíritas e práticos de medicina. As práticas populares de cura permaneceram vivas e intensas, compartilhando o prestígio do espaço terapêutico e medicalizado das clínicas e hospitais de médicos-doutores. (HOCHMAN, 2004, P.177).

## **Metodologia**

A metodologia usada foi a análise documental de periódicos, que auxiliaram na escrita sobre José Fábio Lyra. Crônicas de Ramalho Leite publicadas em suas redes sociais, que relataram bem a figura do farmacêutico de Bananeiras e o uso da *lymfoterapia* e as vacinas. O jornal, *A Noite*, que era um jornal da cidade do Rio de Janeiro, se tornando primordial para esta pesquisa, que em sua publicação de 1936, no qual o José Fábio Lyra concede uma entrevista falando do uso do seu método, da forte perseguição sofrida e da desilusão de não ter seus escritos aceitos pela *Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba*. Além dessa documentação somasse alguns relatos de moradores de Bananeiras conhecedores da prática do farmacêutico, alguns e familiares dele, que relataram um pouco das suas experiências, e que serviram também de base para a construção deste artigo.

Na historiografia brasileira com o uso de fontes documentais, como o de periódicos, onde trouxeram vários debates e possibilidades de fontes de pesquisa, que foram ampliados a partir da terceira geração dos *Annales*, assim tornando possível e necessário o uso da narrativa, nos escritos de história. “Apenas na terceira geração dos *Annales*, com o fortalecimento da História Cultural pós-movimentos de maio de 1968, que o quadro da historiografia brasileira passa por alterações em sua relação com o jornal como documento-fonte.”(LAPUENTE,2015, p.3). Portanto, com o uso da análise documental foi possível fazer o estudo desses periódicos, relatos essenciais sobre o José Fábio Lyra. Portanto,

Somente a partir da chamada terceira geração dos *Annales*, os caminhos abriram-se efetivamente aos impressos. Os historiadores pertencentes a esse grupo, incluindo-se Jacques Le Goff, Georges Duby, Emmanuel Le Roy Ladurie, entre outros, propuseram novas aberturas, problemas e abordagens. Sem negar definitivamente a análise estrutural da segunda geração, com seu expoente máximo Fernand Braudel, os *Annales* promoveram um relacionamento íntimo da História com a Linguística, Psicologia e Antropologia, nesse sentido, incorporaram um modelo essencialmente interdisciplinar, sobretudo, em relação à metodologia. (CALONGA, 2012,p.3)



## Resultados e Discussão

Nas palavras de José Fábio Lyra, a *lymfoterapia*, significa “tratamento da saliva”. Elemento crucial para a composição das vacinas. Responsável por promover um saber educativo de promoção da cura. Fábrica caseira de vacinas. Medicamento aplicado sobre e dentro dos corpos de homens, mulheres e crianças. Nesse antídoto, José Fábio “utilizava a saliva, a qual injetava nos doentes, após um tratamento especial, por ele praticado. Denominava o seu método de *lymfoterapia*” (CASTRO,1945, p. 285). Fazendo o uso dessa vacina, afirma os documentos, revelavam-se resultados positivos sobre os pacientes que recebiam o medicamento.

Após a invenção da vacina que se estendeu para além das fronteiras do estado paraibano, José Fábio Lyra ganhou fama em vários estados brasileiros. Escritos que divulgavam os relatos de cura. Portanto, estudar, analisar e escreve sobre a história de um farmacêutico/curandeiro paraibano, ou até mesmo indivíduos que foram de alguma maneira silenciados, deixados as margens da sociedade, foi possível devido ao advento da Nova História Cultural em 1970, possibilitando novas fontes de pesquisa, novos paradigmas, formas de o historiador estudar a cultura, pois “(...) a Nova História começou a se interessar por toda a atividade humana [...], ou seja, tudo que tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado” (BURKE, 2008, p. 11).

Com o surgimento das novas abordagens no campo da História da Educação Brasileira ocorrida na década de 1990 tornou-se possível produzir uma história da educação liberta do exclusivismo das “ideias pedagógicas” conforme afirma Pinheiro (2011, p. 252). Assim, diversas práticas como hábitos, costumes, posturas, circulação de sabres, dentre outras, são culturalmente informadas para que possam fazer sentido num determinado contexto social, uma possibilidade de sociabilidade nos agrupamentos humanos que legitimam os comportamentos sociais

Segundo Roger Chartier sobre a História Cultural: “A historia cultural, tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 1990, p.16-17). É justamente entender a realidade desses indivíduos que promoviam a cura por meio de uma prática popular, procurando entender como a própria sociedade ao qual estavam inseridos, permitiu uma forte atuação deles no cenário local e que também posteriormente promoveu uma perseguição



desenfreada a esses curandeiros, benzedeiros, parteiros e afins após a institucionalização da profissão médica na Paraíba.

Quem procurava os curandeiros? Praticamente todos que acreditavam na sua atuação, independente da posição social. Apesar dos avanços da medicina e do saber médico nos espaços institucionais, a crença nos curandeiros continuou no século XIX, envolvendo homens e mulheres, ricos e pobres, com erudição ou não. (FIGUEIREDO, 2002, p.164)

“A NOITE descobre no interior da Parahyba, o autor de um processo a que se atribuem curas assombrosas”. Esta foi uma publicação do jornal carioca *A Noite*, em 11 de agosto de 1936. Nela encontramos uma entrevista exclusiva concedida pelo farmacêutico de Bananeirais, intitulada “Voronoff brasileiro”. José Fábio Lyra tornava-se alvo dos noticiários, com grande popularidade deste então, devido a suas “experiências” ter realizado a cura pelo cuspe, algo bastante “assustador” e curioso na época, “(...) o modesto pharmaceutico do interior é procurado por doentes da capital, de Natal, e do Recife. Possibilidades de rejuvenescimento: velhice mais sadia e mais alegre. Os princípios essenciaes do novo methodo.” (*A Noite*,1936,p.8). Desta forma, a *lymfoterapia*, o método pelo qual José Fábio produzia as vacinas, além de cercar as práticas educativas pela maneira como eram fabricadas as vacinas e vendidas para a população promovendo uma circularidade, foi confirmando que um serie de pessoas visitaram a cidade de Bananeiras para fazer uso da medicação. José Fábio fabricava suas vacinas segundo relatos de alguns moradores e familiares em uma farmácia na qual era proprietário. A farmácia ainda existe, mas não possui mais a sua família.

A expressão utilizada pelo jornal *A Noite* denominada por “Voronofftherapia”., trata-se de uma referência ao médico russo Serge Voronoff, que desenvolveu método terapêutico baseado em transplantes de tecidos de primatas não-humanos. O jornal ainda publicou algumas das doenças que eram tratadas pela vacina de cuspe: “tuberculose, lepra, câncer, diabetes, bouba e numerosas outras moléstias”. Obter a cura para suas mazelas fez com que crescesse a procura da vacina. Para tanto, registravam-se relatos de cura. O farmacêutico, logo após ceder entrevista para o jornal *A Noite*, explicou os procedimentos e princípios de seu método,

[...] é um systema novo de curar as moléstias. Baseia-se na transmutação do princípio vital que afflora de certas glandulas de creanças e menores, desde que estejam sãs, para as pessoas doentes, isto é para aquelles, cuja energia orgânica esteja perturbada, diminuída ou esgotada (*A Noite*,1936, p. 9).



O que José Fábio Lyra trazia assim com a invenção desse método? Como esse método era levado para a população? Por que o seu método foi permitido e aceito por um bom período de tempo na Paraíba? Quem eram as pessoas que podiam tomar as vacinas? Indagações como essas, em uma passagem do Jornal *A Noite* conta-nos que o farmacêutico obteve a liberdade de pensar e analisar o seu método sem nenhuma restrição num primeiro momento, e qual foi a inspiração que o levou a criação da *lymfoterapia*.

No ano de 1922 quando ainda estava em vigor a lei Rivadavia Correia protetora da liberdade profissional preparei uma these de habilitação da febre typhoide. No decurso do estudo tirei as primeiras conclusões que serviram de base para a criação do sistema lymphotherapico. Em setembro daquele mesmo ano fazia eu a primeira observação que vem figurada a página do livro que publiquei em 1921(...)”(*A Noite*, 1936, p.9).

Antes de ter chegado a cidade de Bananeiras, José Fábio Lyra morava em Umbuzeiro, cidade na qual foi prefeito municipal. Há relatos que o mesmo teria vindo fugido de lá para Bananeiras por causa de desentendimentos com um Juiz que era seu amigo e que teria se envolvido com uma moça da alta sociedade. É possível entender esse contexto que envolve a vida política de José Fábio Lyra, como prefeito e depois retoma os seus estudos como pesquisador dos remédios naturais e os meios o que chegaram a leva-lo, a biologia, a saúde, a flora, aos males, a um olhar voltado para a cura, para a realização e a criação das vacinas, focada então em toda uma ideia de imunização da cura, pela maneira de como eram realizados seus procedimentos. Seu envolvimento com o então governador da época, o Dr. Solon de Lucena, com o qual cultivava uma amizade e admiração. “O major José Fábio Lyra era prefeito de Umbuzeiro quando foi involuntariamente envolvido em um conflito de ordem pessoal. Escapou de um atentado à bala e escolheu Bananeiras para sua nova morada”. (LEITE, 2016, p.3).

O major Zé Fábio como era conhecido, era um autodidata e estudioso da biologia e da aplicação da flora regional aos males do corpo. Inventou uma vacina produzida pela saliva humana e com ela promoveu a cura de várias moléstias, inclusive diabetes e tuberculose, antes do surgimento da penicilina. Seu “método consistia na esterilização a frio do líquido bucal das pessoas sãs e novas e transmudando ainda vivo para os doentes”. (LEITE, 2016, p.3)



## Conclusão

José Fábio Lyra com a *lymfoterapia*, contribuiu para a medicina paraibana, bem como para a medicina popular. O método de início ocasionou um certo “estranhamento” pela maneira de como era produzido, promovendo também uma circularização de saberes e promoção da cura. A análise da medicina paraibana: como e por quem eram realizadas as práticas de cura. Foi assim que chegamos aos curandeiros e ao caso específico de José Fábio Lyra. A terapêutica popular se fazia presente no dia a dia dos paraibanos através de curandeiros, rezadeiras, benzedadeiras, farmacêuticos, práticos. Ser médico, na região do brejo paraibano era realizar cura. Dessa forma, a arte de curar nas primeiras décadas do vigésimo século, ficou a cargo dos práticos, graças aos parques esculápios que por ali medicavam.

O método da *lymfoterapia* desenvolvido por José Fábio Lyra forneceu para a historiografia paraibana novos objetos de estudo. Estudar um farmacêutico/curandeiro proporcionou tirar do silêncio as práticas postuladas por José Fábio Lyra para a saúde com a *lymfoterapia*. Contudo, José Fábio Lyra tinha o reconhecimento popular e bem satisfatório. As pessoas residentes de Bananeiras tem em suas lembranças como um homem íntegro, de boa índole. Porém José Fábio Lyra, queria mais que o reconhecimento popular, o reconhecimento da comunidade médica, que não teve, sendo assim refutado pela *Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba*.

As práticas de cura realizadas por curandeiros na Paraíba do início do século XX tem proporcionado o crescimento de estudos comprometidos com análise de fontes sobre corpos adoecidos na historiografia paraibana. Documentos antes esquecidos ganharam os olhos e a atenção dos historiadores. Se as práticas de cura estavam silenciadas até pouco tempo atrás, hoje elas ganham pernas, corpos e vozes. Se materializam em narrativas.

## Referências Bibliográficas

- AGRA, Alarcon do Ó et al. **Relatos de Males:** notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba Imperial In: *A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural*. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 11-45.
- ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. **Representações do adoecer:** doenças epidemias na historiografia brasileira. 2009
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CALONGA, Dantielly Maurilio. **O jornal e suas representações:** Objeto ou fonte histórica? Minas Gerais, 2012.



- CASTRO, Oscar Oliveira. *Medicina na Paraíba: flagrantes da sua evolução*. João Pessoa-PB: A União, 1945.
- CASTRO, Oscar Oliveira de. *Medicina na Paraíba*. João Pessoa: A União, 1945.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- CHALHOUB, Sidney et al.(org). *Artes e ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora :Unicamp, 2003)
- CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In: *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.
- DINIZ, Ariosvaldo da Silva. *Medicinas e curandeirismo no Brasil*. João Pessoa: UFPB, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.
- HOCHMAN, Gilberto, and ARMUS, Diego, orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.
- LAPUENTE, Saraiva Rafael. *O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos*. Porto Alegre, 2015. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/at\\_download/file](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/at_download/file) Acessado em 08/08/2017
- LEITE, Ramalho. *O Voronoff brasileiro surgiu em Bananeiras*. 2016. Disponível em: <http://www.blogdopedromarinho.com/?p=colunista&id=18>. Acessado em 30/07/2017.
- LEITE, Ramalho. *Umbuzeiro terra de grandes*. 2016. Disponível em: <https://www.wscom.com.br/blog/ramalholeite/umbuzeiro+terra+de+grandes-13417>. Acessado em 25/07/2017.
- MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. *Educação pela higiene: a invenção de um modelo hígido de educação escolar primária na Parahyba do Norte (1849-1886)*. João Pessoa: Ideia , 2015, p. 147-214
- O VORONOFF BRASILEIRO. *A Noite*, Rio de Janeiro, n. 8. 11 ago. 1936
- PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SANTOS, Leonardo Querino Barboza Freire. *Entre a ciência e a saúde pública: a construção do médico paraibano como reformador social (1911- 1929)*. Campina Grande-PB, 2015.
- SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. *Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba(1912-1924)*. 2º Edição. Rio de Janeiro: AMCGuedes, 2016. .
- SAMBA DO CIENTISTA DOIDO. *Revista de História*. 2008. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/samba-do-cientista-doido>. Acessado em: 05/05/2017.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TEIXEIRA, Marcus Zulian. *Similia similibus curentur: o princípio de cura homeopático fundamentado na farmacologia moderna*. São Paulo, 2013